

IPPUR/UFRJ

Especialização – 2006

**Modernidade e marginalidades na cidade Rio de Janeiro :
breve estudo sobre espaço público, indivíduo e pessoa ***

Gabriel da Silva Vidal Cid

Orientador: Luiz César Queiroz Ribeiro (IPPUR/UFRJ)

Introdução – Inclusões e conexões : capacidades e desigualdades

Este texto discute a relação da dinâmica de consolidação de espaços marginais na cidade Rio de Janeiro com as possibilidades de ação social dos atores envolvidos. Pretendemos discorrer acerca da inserção dos espaços marginais na cultura cidadina carioca em meio às tentativas de modernização, dentro de uma perspectiva histórica. As disputas pelos espaços da cidade serão apreendidas como constituintes do devir social calcado pelos mecanismos de exploração inerentes ao processo produtivo capitalista. É nossa intenção contribuir para o desvendamento deste processo, buscando compreender os mecanismos de inspiração de fatores identitários aos lugares e práticas marginais da cidade refletindo sobre como tal situação pode trazer maiores ou menores possibilidades de inserção na cidade. Focalizamos espaços que se consolidaram sob estigmas de inadequação ou exclusão do restante da cidade e as conseqüências deste processo na definição de uma cidade fornecedora de oportunidades a sujeitos que encontram-se com capacidades diferentes frente a estas.

Buscamos tal reflexão concordando com Amartya Sen no que concerne a idéia de que são as capacidades que possibilitam o indivíduo a optar por diferentes modos de vida¹. Elas permitem uma maior liberdade ou não ao indivíduo de realização de busca por seu bem estar, nesta concepção, na medida em que os indivíduos são fundamentalmente diversos, tanto em características internas quanto externas, diferentes capacidades existem. Já Néstor Garcia Canclini, propõe entendermos os indivíduos

*Monografia de final de curso de Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano, turma de 2006, IPPUR/UFRJ. Boa parte das questões aqui levantadas, além do curso de especialização, provêm das discussões do grupo de pesquisa *Segmentação social, segregação urbana, desigualdade social: o “efeito vizinhança” e o “efeito escola” na explicação do desempenho escolar de estudantes da 4ª série de ensino elementar* coordenado pelo professor Luiz César Queiroz Ribeiro (IPPUR/UFRJ). Neste grupo sou orientado pela professora Maria Josefina Gabriel Sant’Anna (PPCIS/UERJ). Aqui fica um especial agradecimento aos dois professores e ao Observatório das Metrôpoles do qual esta pesquisa faz parte.

¹ SEN, Amartya, *A desigualdade Reexaminada*, Rio de Janeiro, ed.: Record, 2001, p.80.

na contemporaneidade como possuindo maiores ou menores possibilidades de estabelecer conexões². Estas conexões poderiam ser transformadas em capital, diferenciando os indivíduos na mesma medida em que existam diferentes formas de conexão. Mais à frente estabeleceremos proximidades entre os termos capacidades e conexões, utilizados por estes dois autores, no intento de buscar uma metodologia de interpretação das diferentes formas de inserção na modernidade experimentada em países periféricos e especialmente na cidade Rio de Janeiro.

Entendemos que na medida em que a cidade vai estabelecendo lugares, onde grupos sociais diferenciados fazem moradas, começam a surgir características específicas a cada espaço citadino, gerando íntimas relações entre espaço e comunidade surgindo elementos impregnantes nos modos de vida. Neste sentido, percebemos que pensar as relações entre espaços marginais e práticas sociais pode nos indicar qualidades específicas da dinâmica de construção e consolidação urbana e como ela pode interferir nas possibilidades de inserção na modernidade.

Em boa parte da historiografia que trata do período do Rio de Janeiro conhecido como Primeira República, percebemos claramente como o projeto de nação da elite intelectual brasileira não condizia com a cidade real. Certamente a definição do espaço público motivou disputas criando ambientes facilitadores ou repressores a específicas práticas sociais. É fundamental entender as questões relativas à gênese e evolução de espaços característicos das camadas populares e suas implicações. Buscar uma caracterização da espacialidade carioca nos leva a refletir acerca da configuração da cidade e como age enquanto ente norteador de relações sociais.

A cidade Rio de Janeiro por vezes foi tratada pelo dito saber erudito como possuindo uma cisão, um ambiente dual. Dentro desta perspectiva, o lado “rua”, perigoso ou conflituoso, tradicionalmente foi associado ao espaço popular, aproximando os termos pobre e ilícito. Ribeiro nos lembra que tanto na iniciante república como nos últimos anos tem se colocado em questão a existência de uma crise emanada da desordem provinda dos espaços e práticas populares. Acrescenta que para uma sociedade constituir-se, se faz necessário o compartilhamento de historicidade e que os diversos segmentos sociais convivam dentro de um mesmo modelo cultural – reconhecendo a existência de uma pluralidade de situações experimentadas. Devemos também nos atentar para o fato de que as ações individuais acontecem num campo de possibilidades imposto pelas trajetórias dos sistemas sociais³.

² CANCLINI, Néstor Garcia, *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*, Rio de Janeiro, ed.: UFRJ, 1ª edição, 2005.

³ RIBEIRO, Luiz César Queiroz, *A cidade, as classes e a política : uma nova questão urbana brasileira?*, In. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.), *CIDADE: história e desafios*, Rio de Janeiro, Ed.Fundação Getulio Vargas, 2002, p.85/89/90.

Em outro momento⁴ denominamos este debate como sendo conflitos entre uma cidade que vive no encanto do mundo tradicional/popular e outra no desencanto/moderno do mundo ocidental. Temos este conflito como uma característica que permeia as discussões sobre o que é acolhido ou repudiado na consolidação de espaços da cidade. Neste sentido, as conseqüências desta disputa surgem como um arremedo resultante das diversas forças que se interagem no dia a dia da cidade, seduzem seus habitantes produzindo perguntas carregadas de historicidade e recebendo respostas igualmente ricas em especificidades.

Gostaríamos de acrescentar à questão da cidade que vive em constante conflito entre o encanto e o desencanto, a asserção de que estes “mundos” não vivem independentes, eles são continuamente reconstruídos mutuamente. Pensar a cidade desprovida desta relação seria negar um ponto fundamental: de que é construída e desejada por conta de um pacto estabelecido por um modo de produção que necessita de pessoas em convívio e em situação de diferenciação social. Portanto, além da dualidade há diferenças. É nossa intenção discutir esta problemática dialogando com os estudos que classificam a cidade enquanto dual. Pois esta concepção do conflito que reforça diferenças existentes num mesmo espaço, por alguns visto como dual, nos leva a indagações como: que cidade é essa que produz diferenças(?), que cidade é essa que extrema diferenças(?) e quais são as relações sociais que transformam estas diferenças em distinção social?

Ainda que por vezes as diferenças mostrem-se num debate inconciliável entre dois atores, inconvenientes entre si, gerando contendas irreversíveis como veremos mais à frente, partimos da premissa de que a dificuldade em extirpa-las juntamente com seus habitantes indesejáveis mostra a complexidade real da cidade e suas contradições. A resistência que insiste em fazer morada na consolidação objetiva do que é público e privado, a complexidade em definir a casa e a rua e a impossibilidade de expungar o ilícito da cidade demonstra o poder dos meandros existentes entre estas fronteiras e o quanto talvez eles possam fazer parte de nossas características mais fundantes. A intenção deste texto é justamente cooperar com uma teoria social preocupada com a inclusão dos diversos sujeitos da história e no entendimento de suas relações sociais.

⁴ CID, Gabriel da Silva Vidal, *As modernidades e a capoeira : conflitos entre o encanto e o desencanto*; Monografia orientada pelo professor doutor Ricardo Salles, apresentada à escola de história do Centro de Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO – em Março de 2004, como requisito para obtenção de grau de bacharel em História.

1. Definição do espaço público na modernidade e suas características - O lugar do dual;

Segundo Sennet o homem ocidental pós-revolução industrial passa a viver num mundo onde há um “paradoxo do isolamento em meio a visibilidade”⁵. Usa a parede de vidro como exemplo de como este artifício construtivo cria um isolamento vigiado. Este isolamento promove uma saturação do ser observado e retira este sentido do conviver social. Em suas palavras: “quando todos estão se vigiando mutuamente, diminui a sociabilidade, e o silêncio é a única forma de proteção”⁶. Os urbanos precisam de distância para se relacionar, dentro de uma lógica burocrática deve-se lidar com “códigos impessoais”, assim deixando bem claro onde é espaço público e privado.

Assim, as concepções de público e privado tornam-se fundamentais para se entender os caminhos percorridos pela cultura ocidental. Para Sennet, é após a Revolução burguesa que o público vai se definindo com o experimentado fora do âmbito familiar e dos amigos íntimos.

O capitalismo assentava-se numa sociedade extremamente assustada com o horror existente nas grandes cidades e pela pobreza estrutural ao longo do século XIX e assim vai se firmando a idéia de que a rua, o público, deve ser contida, carecendo de vigilância, a fim de se evitar conflagrações. Logo percebendo que era impossível estabelecer uma ordem burguesa à rua, o homem burguês se trancafiou no ambiente seguro, da família, do privado, acreditando ser a melhor solução para se proteger do perigo que passou a representar a multidão. Neste sentido a família vai se transformando no ambiente seguro.

É interessante quando Sennet coloca que a família passa a representar a “ordem moral”, definindo também a ordem ideal para todos os espaços sociais, inclusive o público. E logo se percebe a impossibilidade de construir um espaço público nos moldes burgueses, pois a pobreza está na rua, a canalha nela realiza suas práticas. Deste modo passa-se a ver a rua como moralmente inferior identificando assim quem nela mora e realiza suas práticas também.

Fica ainda mais estanque a diferenciação entre o que é público e o que é privado. O público torna-se o lugar das experimentações, da peripécia, pois o anonimato traz a segurança e o relaxamento necessário ao homem saturado de rostos, sejam desconhecidos ou não. O privado, da segurança, do conforto, onde o homem burguês poderia descansar da aventura que é caminhar nas ruas das grandes cidades. Segurança e conforto provavelmente não experimentado pelos mais pobres. Novamente a relação entre as camadas populares e vida cotidiana vê-se em diferenciação do padrão burguês de viver. Todo este discurso da diferenciação entre pobres e ricos vai estar presente ao longo de uma variedade de autores que depois, ao longo do século XX, vão tratar dos conflitos sociais. Esta tradição vai influ-

⁵ SENNETT, Richard, *O declínio do homem público : as tiranias da intimidade*, São Paulo : Companhia das Letras, 1999, p.27

⁶ idem, p.29.

enciar, e justificar, boa parte das idéias de incapacidade de integração e anomia social presente nas comunidades pobres do Rio de Janeiro.

No século XIX percebemos que urbanizar significa mais do que imposição de hábitos citadinos, mas tem a ver com difusão de hábitos modernos⁷. Urbanizar é modernizar, preparar a cidade para o futuro, o viver não mais significa experimentação de questões do presente, mas sim a preparação para um futuro novo onde a ordem, a definição do que é público e privado é definido e experimentado com toda a sua força. Neste sentido é criada toda uma maquinaria, em diversos níveis, entendida aqui como vetores de modernidade.

O período conhecido como segunda revolução industrial, é tido como um tempo em que as mudanças ocorridas transformaram vertiginosamente o ritmo de vida de grande parte da população mundial. Na introdução ao terceiro volume da *História da vida privada no Brasil*, Sevcenko nos enumera alguns exemplos das novidades trazidas por esta revolução, embora seu argumento seja de que o evento desnordeador dos espíritos de então era a velocidade com que estas novidades apareciam nas, também novidade, metrópoles modernas. Este desenvolvimento das estruturas capitalistas acompanhava-se de uma internacionalização ainda mais radical. Em suas palavras:

Não bastava, entretanto, às potências incorporar essas novas áreas às suas possessões territoriais; era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instilar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo.⁸

Não necessariamente as grandes cidades do século XIX crescem por conta de instalação das grandes indústrias, elas de norma procuram as periferias, onde há abundância de terras e recursos. Nos centros das grandes cidades instalam-se, o que sempre houve, só que agora radicalizado, nos serviços de comércio, finanças e burocracias⁹. Assim o que habita o centro da grande cidade devem ser elementos que coadunem com este espírito de impessoalidade. Os espaços de permanência de hábitos tidos como tradicionais; então passam a ser vistos como lugares possuidores de práticas indesejadas e permanecem à revelia de todo o processo de modernização, devendo assim, sofrer intervenções. No discurso modernizante, este fato seria resultado da incapacidade destes setores de modernizar-se por conta própria. Deste modo os diferentes setores da sociedade passam a ser definidos entre tradicionais e modernos. A linha de separação entre público e privado passa à materialidade do espaço, definindo que

⁷ Idem, p. 163.

⁸ SEVCENKO, Nicolau (org.), *História da vida privada no Brasil*, São Paulo, ed.: Companhia das Letras, v.3, p.12.

⁹ SENNETT, Richard, *O declínio do homem público :as tiranias da intimidade*, São Paulo : Companhia das Letras, 1999, p.116.

determinados lugares são espaços excluídos do moderno modo de produção capitalista. Seriam lugares à parte da cidade. No Rio de Janeiro, estes lugares passam a ser representados pela associação morro/favelas, ou ainda, pelo impreciso subúrbio.

2. Modernidade e marginalidade – periferização e estigmatização

Observemos um texto de João do Rio que, ao encontrar com um grupo de rapazes que se preparava para uma seresta no Largo da Carioca e subiriam o Morro de Santo Antônio, dispõe-se a conhecer o morro, do qual ouvira falar.

Vi, então que eles se metiam por uma espécie de corredor encoberto pela erva alta e por algum arvoredado. Acompanhei-os, e dei num outro mundo. A ilusão desaparecera. Estávamos na roça, no sertão, longe da cidade. (...) E aí parados enquanto o pessoal tomava parati como quem bebe água, eu percebi então que estava numa outra cidade dentro da grande cidade. (...) Nesta empolgante sociedade, onde cada homem é apenas um animal de instintos impulsivos, em que ora se é muito amigo e grande inimigo de um momento para outro, as amizades só se demonstram com uma exuberância de abraços e de pegações e de segredinhos assustadora – há o arremedo exato de sociedade constituída.¹⁰

Podemos perceber o caráter discriminatório da forma como os intelectuais da cidade “moderna” viam este espaço pobre da cidade. A começar, o autor nem conhece o lugar em que vai, reforçando a idéia de outro mundo. O morro de Santo Antônio e os hábitos de seus moradores são interpretados como uma cidade dentro da cidade maior dissociando o morro do restante. Sua atitude reforça o fenômeno, que talvez possamos caracterizar como construção de guetos, que nos indicará mais à frente a existência de um *ethos* cultural em oposição ao restante da cidade.

As estruturas sociais no Rio de Janeiro nos indicam uma situação de hierarquização e exploração. Esta estratificação social, historicamente, levou a construção de uma identidade calcada em signos que extrapolam a cor de pele. Pois as identificações étnicas misturavam-se mais confundindo do que separando. Em verdade, negros podiam ser qualificados como africanos ou afro-brasileiros e, no entanto, pertencer à uma ancestralidade muito distinta ou ainda cultuar deuses diferentes e de formas diferentes. Assim como brancos, podiam ser ciganos, judeus, italianos ou portugueses. Acreditamos que esta multiplicidade associada à força da geografia que une e reifica convívios entre diferentes, porém em situações próximas, acaba por facilitar uma identidade vinculada mais ao espaço pobre do que a diferenciações étnicas ou religiosas.

¹⁰ João do Rio, *Os livres acampamentos da Miséria*, Do livro *Vida vertiginosa*, In. MARTINS, Luís, *João do Rio (Uma Antologia)*, p.53-55.

Raquel Rolnick percebe esta identidade gerada em torno do popular mistificada nas expressões de origem negra, não só no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo, onde, assim como na cidade carioca, a marginalidade passa a ser associada ao jeito negro, pobre¹¹. Sendo assim, a favela, que passa a aglutinar as camadas pobres das cidades com o processo de expulsão dos centros, somado ao crescimento populacional e migração, cria um espaço, um segmento da própria cidade, ou como colocou João do Rio “uma cidade dentro da grande cidade”.

Os “redutos negros”¹² no Rio de Janeiro significavam, um entrave para a moderna metrópole que a capital ansiava ser para o país. Neste sentido dá-se início a uma espetacular repressão a estes lugares. Em meio à repressão, este pedaço carioca tido como tradicional de variadas formas confundia-se, colocando-se como sujeito nas negociações e usos da cidade. Ainda que mal definido, ao espaço popular é vinculado diversas práticas como religiões de origem negra, capoeira, samba e outras que, fossem julgadas como possuindo estruturas não compactuantes com o sentido do progresso, são expugnadas ou degredadas para os subúrbios ou morros da cidade. Esta relação de repulsa dos hábitos tradicionais é uma tentativa radical de eliminação da cidade tradicional dentro da grande cidade.

O Rio de Janeiro no período de 1890-1930 pode ser visto como repleto de exemplos dos encontros criados pela tentativa de modernização brasileira. Esta cidade apresenta-se como a maior cidade do país, representando a liderança política e administrativa brasileira, o lugar onde a prática da cidadania serviria como exemplo ao restante da nação¹³. Porém, a cidade não estava completamente preparada, segundo o projeto modernizador. Sua população eminentemente negra, associada a seus hábitos vistos como tradicionais não adequava-se ao tempo de modernidade e progresso. Exige-se da parcela “negra” que assuma seu novo lugar na cidade, intima-se a tomar posição entre duas opções, ser degredada ou expugnada¹⁴.

Certamente foram grandes os conflitos entre a “tradição” e as tentativas de modernização. Sevcenko com muita sagacidade associa a campanha de Canudos à Revolta da Vacina¹⁵. São exemplos de

¹¹ ROLNICK, Raquel, *Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro)*.

¹² Muniz Sodré, afirma, “O samba desenvolveu-se no Rio a partir de redutos negros (os baianos do bairro da Saúde e da Praça Onze) (...)” SODRÉ, Muniz, *Samba o dono do corpo*, p.35.

¹³ CARVALHO, José Murillo de, *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, p.13.

¹⁴ Usamos aqui o termo no mesmo sentido como Euclides da Cunha o emprega quando narra o fim de Canudos: “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão do termo (...)”. CUNHA, Euclides da, *Os sertões: campanha de Canudos*, ed.: Francisco Alves, Rio de Janeiro, 29ª edição, 1979, p. 407.

¹⁵ Quanto à revolta da vacina: “Do ponto de vista das autoridades (...) teria sido um levante irracional, de gente rude, com mentes obsoletas e incapazes de compreender o curso inexorável do progresso. Por isso mesmo foi tratado como um segundo Canudos enquistado no seio da capital, o qual seria também preciso eliminar para

como grande parcela da população não fazia parte das aspirações de modernidade do recente Estado Republicano. Diante da instabilidade gerada pelas novidades no ritmo do dia-a-dia da cidade, como uma camada da população não consultada, não participante das modificações e que não podia mais simplesmente ser ignorada, seria tratada? A autoridade do Estado é imposta então pelo autoritarismo, a legitimidade do uso da violência é patrocinada pelo ideal de “ordem e progresso”.

Para modernizar a cidade do Rio de Janeiro, põe-se em execução um plano em três dimensões. Promove-se “a modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana”, gera-se uma “tripla ditadura” onde a perseguição ao que é vinculado ao atraso da cidade é duramente repreendido¹⁶.

Tanto no discurso quanto na prática a complexidade do espaço carioca é reduzido a dicotomia entre tradicional/atrasado e moderno. A desonra de sermos uma cidade eminentemente negra e o restante do país estar enterrado em tradicionalismo político, fez com que uma maquiagem imposta pelo autoritarismo positivista tentasse de qualquer forma não enxergar as singularidades da formação social brasileira. Esta visão que permitia-se a destruição do ambiente popular¹⁷ prossegue e é perceptível na literatura do início de século como nos mostra Sevcenko¹⁸.

Este período da Belle Époque, onde Sevcenko identifica uma inserção compulsória do Brasil, representa a opção das elites dominantes: “alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia européia”¹⁹. Conjecturam-se quatro princípios fundamentais, segundo este autor. Reprova-se as práticas do dia-a-dia associadas à cultura tradicional; Esconde-se ao máximo todo e qualquer elemento de cultura popular que associa-se à imagem da cidade de passado negro e escravocrata; Expulsão dos grupos populares da área central da cidade; Tentativa radical de assemelhar-se à vida parisiense. Estas atitudes pressionam, restringindo o cotidiano da vida popular a nichos da cidade. Isola-se um segmento da cidade que faz parte íntima da dinâmica da grande cidade.

O jogo do bicho é bom para entendermos os mecanismos de estigmatização das camadas populares na cidade Rio de Janeiro. Mesmo com a popularidade de sua prática, é proibido, ainda que o jogo continue legalizado em outras modalidades. Ao ser negado pela cidade legal vincula-se o jogo do bicho

salvar a Republica.” SEVCENKO, Nicolau (org.), *História da vida privada no Brasil*, São Paulo, ed.: Companhia das Letras, v.3, p.21.

¹⁶ Idem, p.22.

¹⁷ “A autoridade pública permitia-se invadir e não raro destruir, seja o cortiço, o barraco ou o mocambo na cidade. (...)Conforme a tradição herdada da escravidão, a repressão não se limitava à detenção, mas, dependendo da ameaça, podia ir do espancamento sistemático, ao exílio na selva, ao fuzilamento sumário, à degola em massa. Em suma, nem lares, nem âmbitos sagrados, nem corpos e nem vidas, do ponto de vista dos agentes da ordem, tinham garantias quando se tratava de grupos populares.” Idem, p.30.

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau, *Literatura como missão : tensões sociais e criação cultural na primeira República*, 1995.

¹⁹ Idem, p.29.

à marginalidade, construindo uma identidade do popular com o ilegal. Gera-se um contraste, ciente a todos, entre código legal e código popular²⁰. Ou seja, o jogo do bicho, ao significar um crime e ainda assim fazer parte do cotidiano popular, justifica a analogia popular-violação. Nesta situação pertencer às camadas populares é transgredir. O Jogo do bicho, o samba, a malandragem, o candomblé e a capoeira, mesmo que praticados por trabalhadores, significam moralmente um problema para implantação do espírito moderno²¹.

O aumento da experiência moderna intensifica-se nas camadas populares na cidade Rio de Janeiro no correr das décadas do século XX, inserido no medo de sublevação das camadas populares que se faz presente na América Latina desde o processo de Independência e que se acentua a partir do exemplo comunista. Assim o arranjo social passa a ser visto como problema pertinente às questões urbanas, ainda mais depois da experiência mexicana de 1910 e russa de 1917. As camadas populares são chamadas a participar das negociações, desde que controladas. É desta forma que os espaços populares passam a ser aceitos e até representar um ponto de convergência de identidade nacional.

Preparar a cidade para a modernidade e a industrialização é moldar a mão de obra, domesticando-a ao sistema produtivo. É um novo modelo de comportamento. Esta tendência de substituição dos hábitos populares não condizentes com a modernidade, aludida pelas elites da *Belle Époque*, prossegue até o momento do populismo, onde as relações entre o Estado e os populares em alguma medida modificam-se. Referindo-se ao populismo brasileiro, Sônia Regina de Mendonça nos coloca que as massas surgem como “avalistas do processo político-partidário”²². Sendo assim, não podemos interpretar o populismo como mera manipulação das camadas populares.

O que algumas análises acerca da cultura popular deste momento nos trás é o intenso diálogo entre os diversos setores da cidade além da intensa modernização das práticas populares²³. O caso das

²⁰ MEIRA, Selena de Mattos, *Jogo do bicho : A resistência pela transgressão*, Rio de Janeiro – UERJ, 2000, Dissertação : Mestrado em História: UERJ p.11/33.

²¹ Cabe a citação de Meira, ao conjugar a obra de Thompson, e o jogo do bicho: “é possível afirmar que o jogo do bicho projetou-se como comportamento intrínseco de um código popular de conduta que tendeu a se opor, de forma marcante, ao código legal proposto pelo processo civilizador empreendido pelo Estado republicano. (...) Nesse sentido, constitui-se em elemento de resistência ao progresso.” Idem, p.65.

²² MENDONÇA, Sonia Regina de, *As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização*; In: LINHARES, Maria Yedda (org.), *História Geral do Brasil*, Rio de Janeiro, ed.: Elsevier, 1990, p.342.

²³ VARGUES, Guilherme Ferreira, *A união faz a força: Escolas de samba, cidadania e cultura no Rio de Janeiro (1903/1937)*, Dissertação apresentada ao Instituto de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ – como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, Rio de Janeiro, 2005. / FERNANDES, Nelson da Nóbrega, *Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949*, Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo geral da Cidade Rio de Janeiro, 2001.

escolas de samba e seus diálogos com os acontecimentos políticos deste momento, assim como as formas que elas encontraram para se transformarem em instituições de luta por direitos sociais, nos mostram como as camadas populares, neste momento, são muito mais do que apenas massas comandadas e confirmam a complexidade urbana carioca.

3. O lugar da “liminaridade” na modernidade brasileira – a dualidade brasileira

DaMatta indica na sociedade brasileira também uma dualidade: “a casa e a rua”. Construindo uma sociologia que busca o entendimento dos rituais de surgimento de hierarquias na sociedade brasileira, traz as relações, que especificam o caso brasileiro, para a discussão. Argumenta que a sociedade brasileira é aquela em que existe justamente a capacidade de relacionar categorias muito distintas com uma liga de difícil rompimento e elástico limite. Neste sentido a “casa” e a “rua”, surge como categorias sociológicas que possuem efeito em diversos domínios²⁴.

Patrícia Birman²⁵, aproveitando a idéia de DaMatta, ao tentar associar a rua ao masculino e a casa ao feminino, pensando os terreiros de Umbanda e candomblé no Rio de Janeiro do início dos anos oitenta, nos dá uma boa possibilidade relacional para pensarmos a oposição rua-público & casa-privado. Esta proposição que parece um pouco óbvia requer cautela, pois a oposição é dinâmica e relativa, casa & rua possui entremeios²⁶. Ora a casa pode se definir enquanto espaço privado, assim, sem conflitos e ora lugar público, o lugar das disputas, do político. A rua representa o perigo e o público, o incerto ambiente ocupado pela disputa e masculinidade. A dúvida sobre a rua reside justamente na idéia de imprevisibilidade de seu cotidiano, pois é o lugar onde as contendas tentam se resolver. A casa com sua segurança e feminibilidade indica ausência de conflito, lugar definido e consolidado.

Se para DaMatta, na casa somos protegidos e lá acolhidos e respeitados, pois são reconhecidos nosso passado e de nossas conexões com elementos que importam e podem gerar possibilidades, na rua somos desconhecidos e tragados por uma lógica que “nos condena a todos a uma igualdade perante forças maiores que nós”²⁷.

²⁴ DAMATTA, Roberto, *A casa e a rua : espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, ed. Brasiliense, 1985, p.12.

²⁵ BIRMAN, Patrícia, *Fazendo estilos e criando gêneros : estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de Umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ed. Relume Dumará : EdUERJ, 1995.

²⁶ GEIGER, Amir, VELHO, Otávio *A liminaridade antropológica de Roberto DaMatta ou Tupi or not tupi? A virtude está no Meio*. In. GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Lívia; DRUMOND, José Augusto; *O Brasil não é para principiantes : Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois*, Rio de Janeiro, ed.: FGV, 2ª edição, 2001

²⁷ DAMATTA, Roberto, *A casa e a rua : espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, ed. Brasiliense, 1985, p.16.

Para este autor, o brasileiro cria mecanismos de proteção²⁸ ao monstro devorador, impessoal – burocrático – quando ele tenta sair à rua. Cria a possibilidade de realização de rituais de “pessoalização”²⁹. Tais rituais são entendidos por DaMatta como amparo à uma situação onde atores entram em disputa. Ou seja, enquanto no mundo da rua – burocrático – o sujeito não precisa trazer à tona suas características que o distinguem do restante, ele aceita e vive a impessoalidade, porém quando sente-se acuado pelo monstro da impessoalidade, traz para si a força da pessoalidade na sociedade brasileira. Para DaMatta, não houve a revolução burguesa nos hábitos e definição de clara sociedade ocidental, como no ocidente europeu ou nos Estados Unidos, mas sim a manutenção de relações de acomodamento de práticas de nossos diversos tempos históricos³⁰.

Este campo pode ser escorregadio, embora DaMatta não traga esta afirmativa, desavisadamente pode-se pensar que, neste sentido trata-se de uma sociedade de múltiplas possibilidades e assim mais facilitadora de burlar hierarquias. Pensamos que não é bem assim, pois nos rituais de pessoalização emergem historicidades, hierarquias e relacionamentos arraigados em nossa sociedade. Não à toa, um livro comemorativo aos vinte anos de publicação de *Carnavais malandros e heróis* é chamado: *O Brasil não é para principiantes*. Nesta sociedade saber seu lugar é essencial para a sobrevivência. E saber seu lugar significa ter consciência de quem você é e se está na rua ou em casa. Talvez daí a colocação de Geiger e Velho, em um dos artigos contidos neste livro, de que “DaMatta foi um dos que perceberam que nossa criatividade social é dramática, que os carnavais são sofridos, que os malandros e heróis têm algo de trágico”³¹.

Neste Brasil da relação nem sempre tais situações agem coadunadas ao sistema legal e obedecem à burocracia fundamentada na impessoalidade, tão necessária à constituição da sociedade ocidental como vimos em Sennet. De modo que tais situações ritualísticas trabalhadas por DaMatta, reafirmam o lugar do desprovido de direitos e assim definindo a alteridade entre aos que são permitidos a cidadania e não. Na definição da rua enquanto espaço público percebemos que nela, a cultura ocidental constituiu

²⁸ Daí ele defender que “mais importante do que os elementos em oposição, é a sua conexão, a sua relação, os elos que conjugam os seus elementos”, Idem, p.20.

²⁹ Em especial: *Sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil*; in. DAMATTA, Roberto, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, ed.: Rocco, 6ª edição, 1997, cap. IV.

³⁰ DAMATTA, Roberto, *A casa e a rua : espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, ed. Brasiliense, 1985, p.17.

³¹ GEIGER, Amir, VELHO, Otávio *A liminiridade antropofágica de Roberto DaMatta ou Tupi or not tupi? A virtude está no Meio*. In. GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Livia; DRUMOND, José Augusto; *O Brasil não é para principiantes : Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois*, Rio de Janeiro, ed.: FGV, 2ª edição, 2001, p.78.

um lugar de anônimos e perigosos, onde quem experimenta situações de marginalidades fica impossibilitado de usufruir de mecanismos impessoais de proteção social.

Como exemplo, pensemos o acesso à compra da casa própria. O indivíduo pobre que experimenta, uma inserção no mercado marginal de trabalho fica impossibilitado do acesso a financiamentos seja por não comprovação de renda, seja porque vai comprar uma casa em local ilegal. Porém, ainda assim, o sujeito, novamente experimentando uma situação de informalidade, compra sua residência, pois aceita as regras de um “mundo” onde uma declaração de compra e venda assinada pelo presidente da associação de moradores de sua comunidade, pode significar o direito a um lote. Neste caminho o sujeito se percebe como experimentando um espaço público diferenciado do restante da cidade, onde suas economias não permitiriam a compra. Num mundo onde ora é indivíduo e ora é pessoa, o sujeito vive um espaço público em que a personalidade assume papel de destaque nas relações sociais, porém imprimindo identidade de marginalidade quando inserida numa cidade que se diz moderna. A contribuição que a sociologia de DaMatta pode trazer, dentre outras, é a de que este aparente conflito é continuamente resolvido na idéia de que em oposição aos estados Unidos, que reafirmam-se enquanto “iguais mais separados”, no Brasil a expressão “diferentes mais juntos”³² pode facilitar enxergarmos situações de desigualdades frente às situações sociais. Em nossa argumentação que se segue, este ponto é de fundamental importância, no sentido de que este ritual hierarquizante, desnuda algumas de nossas características que preferimos esconder³³, contribuindo para a compreensão dos mecanismos de transformação de personalidades, entendida aqui enquanto especificidades individuais, em capital.

4. Concluindo; Modernidade e sedução - Campo de possibilidades

Néstor García Canclini, buscando uma compreensão da modernidade latino-americana denomina estes países como possuidores de culturas híbridas, por trabalharem simultaneamente diferentes reuniões interculturais³⁴. Causador deste fenômeno seria o processo de modernização inacabado calcado em uma industrialização incompleta. A modernização destas culturas acontece apenas em alguns segmentos, estes cooptados pela necessidade de um desenvolvimento – singular - mantenedor de um exclusivismo, pertinente a estas culturas entendidas como Estados Nacionais. É dentro desta idéia de exclusivo que as massas são chamadas a optar pela modernidade. A modernidade latino-americana é vista

³² SOUZA, Jessé, *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*, Brasília, ed.: Universidade de Brasília, 2000, p.183.

³³ Idem, p.186.

³⁴ CANCLINI, Néstor García; *Culturas híbridas : Estratégias para entrar e sair da modernidade*, p.19.

como um simulacro sendo constringida a consentir a permanência da tradição³⁵. Neste modelo societário poderíamos mais facilmente achar o exercício de uma sociedade híbrida. Onde o que é tradicional e moderno poderia ser observado compartilhando o mesmo tempo histórico e assim representar a justaposição dos vestígios deixados pelo devir histórico. Nas palavras de Canclini:

Os países latino-americanos são atualmente resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas (sobretudo nas áreas mesoamericanas e andina), do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicacionais modernas. Apesar das tentativas de dar à cultura de elite um perfil moderno, encarcerando o indivíduo e o colonial em setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais³⁶.

Este mesmo autor identifica na América Latina entre os anos cinquenta e setenta do século XX, mudanças de caráter estrutural significativas: desenvolvimento industrial substancial; consistência no desenvolvimento urbano; aumento do espaço cultural escolar; penetração de tecnologias de comunicação; crescimento de movimentos políticos que vinculam a desigualdade social à modernização. Estas modificações levam a uma maior secularização nas relações sociais, afastando ainda mais a população marginalizada para áreas periféricas da cidade.

O risco que corremos nesta perspectiva é inculirmos às sociedades híbridas a existência de uma parcela da sociedade excluída da modernidade. Alguns interessantes trabalhos têm nos mostrado que esta exclusão deve ser vista com extrema cautela³⁷.

O caráter híbrido dos países latino-americanos aponta para a possibilidade de nem sempre espaços populares agirem em oposição à constituição de um *continuum* de modernização. Este hibridismo assume posição fundante para o entendimento das interculturalidades latino-americanas, pois sua construção passa certamente pela negociação e aceitação de situações onde moderno e tradicional, embora com experiências distintas, compartilhem o mesmo momento histórico. García Canclini acredita que somente o antropólogo munido de uma metodologia que privilegie a interculturalidade poderia trabalhar as relações sociais de uma sociedade híbrida.

³⁵ Idem, p. 25.

³⁶ Idem, p.73/74.

³⁷ Embora não seja nosso objeto específico de análise aqui, acreditamos que seja ainda fundamental a discussão deste tema em estudos que pensem a dinâmica histórica do Brasil. Contribuíram em muito para a idéia de modernidade presente em nossa argumentação o já citado SOUZA, Jessé, *A modernização seletiva: uma reinterpretção do dilema brasileiro*, Brasília, ed.: EdUNB, 2000, e ABREU, Martins, Mauricio A., MARTINS, Luciana L., *Paradoxos da Modernidade: O Rio de Janeiro do Período Joanino, 1808-1821*, in. FERNANDES, Edésio, VALENÇA, Márcio Moraes (org.), *Brasil Urbano*, ed. MAUAD.

Neste sentido, pensar em hibridismo é aceitar a existência de atores distintos que, ainda que possuidores de capacidades diferenciadas, compartilham o mesmo processo histórico. Fica importante entendermos como que atores distintos, detentores de capitais diferenciados, transformam suas possibilidades em reais conexões. Em nosso argumento, estas conexões aludidas possuem íntima relação com o que Amartya Sen considera capacidade. Em suas palavras: “a capacidade é, portanto, um conjunto de vetores de funcionamentos, refletindo a liberdade da pessoa para levar um tipo de vida ou outro”³⁸.

Para Amartya Sen somos fundamentalmente diferentes, ou seja, tanto características internas quanto externas trazem diferenças aos indivíduos. Neste sentido a igualdade deve ser discutida em termos de espaços onde se a deseja, pois ainda que tenhamos igualdade em algum campo, em outro permanecerão desigualdades. Assim, as exigências de igualdade necessitam ser vistas em consideração da diversidade humana generalizada³⁹.

Nas palavras de Canclini devemos olhar-nos como diferentes-integrados, desiguais-participantes e conectados-desconectados” buscando observar como se dão os processos de vivência destas formas de inserir-se na contemporaneidade⁴⁰. No entender deste autor estas formas de participação seriam “modalidades de existência” complementares, posto que não há uma exclusão, mas sim variações de inserção no processo produtivo. Entender como se dão estas inclusões requer uma metodologia híbrida⁴¹, onde haveria uma combinação de saberes específicos. Metodologia que solicita uma compreensão de estruturas que permitem variadas conexões. Este entendimento capacitaria ao pesquisador enxergar dinâmicas sociais de integração. Pois como entender a marginalidade do ponto de vista apenas do que é legal ou não, enquanto na América Latina sete em cada dez empregos gerados para os jovens são informais⁴²? Considerar esta imensa fatia da sociedade como excluídos é negar-lhes uma participação ativa na sociedade.

Percebemos nos últimos anos tendência ao aumento dos mecanismos de separação da sociedade entre os que têm condições de viver o mundo formal dos que se inserem de forma precária. Uma sociedade que fornece desiguais acessos ao transporte, moradia, serviços de saúde, saneamento ou educação, de forma alguma está contribuindo para redução das disparidades sociais e assim exercendo seu papel de incentivo à igualdade entre seus cidadãos. Surgem então formas diferenciadas de experimentação do espaço urbano que, em sua forma mais radical de exploração se configuram em marginalidades que

³⁸, SEN, Amartya, *A desigualdade Reexaminada*, Rio de Janeiro, ed.: Record, 2001, p.80.

³⁹ Idem, p.29.

⁴⁰ CANCLINI, Néstor Garcia, *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*, Rio de Janeiro, ed.: UFRJ, 1ª edição, 2005, p.99.

⁴¹ Idem, p.189.

⁴² Idem, p.211.

reforçam as desigualdades no acesso à cidade e ao mercado de transformação das capacidades/conexões em capital, sejam em espaços periféricos ou não.

Se entendermos cultura de acordo com Bourdieu, como sendo um espaço de reprodução social e organização das diferenças, num mundo onde multiplicam-se formas de conexão, as desigualdades são tantas quanto diferentes formas de integrar-se existam. Inseridos numa sociedade onde as conexões podem ser transformadas em capital, ou capacidades, como sugere Amartya Sen, as identidades escapam da condição de explorado/explorador passando a residir nas diferenciações de conexões e possibilidades de realizações⁴³. Esta estrutura social vai necessitar de uma nova concepção do espaço público, sem que necessariamente negue a antiga. Espaço público passa a ser o lugar onde podem ocorrer as conexões, onde transforma-se capacidades em capital.

O espaço público deixa de ser passagem, como bem queria o homem burguês e nos mostrou Sennet, e passa a ser espaço destinado ao estabelecimento de conexões. As diferenças sociais, antes arraigadas em características sócio-econômicas, passam, sem nega-las, às possibilidades em se incluir no mundo pós-moderno⁴⁴. Surge uma nova hierarquização da sociedade dividida entre os que podem, ou não, transformar suas conexões em capital.

Como coloca Canclini:

ler o mundo na chave das conexões não elimina as distâncias geradas pelas diferenças nem as fraturas e feridas da desigualdade. O predomínio das redes sobre as estruturas localizadas torna invisíveis formas anteriores de mercantilização e exploração - que não desapareceram - e engendra outras. Coloca de outro modo a questão dos bens sociais, dos patrimônios culturais estratégicos e da sua distribuição desigual.⁴⁵

Fica muito claro que nossa denominada pós-modernidade não apresenta um abandono do capitalismo nem de suas inerentes práticas de exploração e segmentação social. Os conceitos aqui trabalhados nos evidenciam a importância de se pensar as estruturas sociais enquanto norteadora e construtora de um espaço fragmentado e desigual em oportunidades e, ainda, reproduzir sujeitos em diferentes situ-

⁴³ Mais do que pensar as desigualdades em termos de renda ou privação de serviços, gostaríamos aqui de pensar-la, como propõe Sen, como liberdade que o indivíduo tem para realizar funcionamentos importantes para aquisição de Bem estar, tendo a ver com capacidades e assim contribuindo de forma mais positiva à crítica às políticas públicas que visam erradicação de pobreza e desigualdade.

⁴⁴ Canclini define "pós-modernidade não como uma etapa ou tendência que substituiria o mundo moderno, mas como uma maneira de problematizar os vínculos equívocos que ele armou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se". CANCLINI, Néstor Garcia, *Culturas híbridas : Estratégias para entrar e sair da modernidade*, p.28.

⁴⁵ CANCLINI, Néstor Garcia, *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*, Rio de Janeiro, ed.: UFRJ, 1ª edição, 2005, p.99.

ações de marginalidade à sociedade legal. Tais práticas sugerem periferias, onde atores vão poder colocar em prática suas formas de conectividade – muitas vezes ilegais. Cria-se assim, um *habitus* de reprodução de marginalidade nos espaços periféricos. Cria-se um isolamento que se mostra geográfico, social e virtual, espacializa-se as diferenças entre sujeitos que possuem mais, ou menos capacidades em conectar-se. Daí Canclini defender o estudo destes espaços onde os sujeitos podem exercer sua conexão ainda que de forma marginal.

Os segmentos sociais mais empobrecidos vêm sofrendo maior impacto com o agravamento das desigualdades e mecanismos de marginalização e exclusão impostos pelo capitalismo financeiro e globalizado. Ribeiro aponta um processo de maior segmentação social estabelecida entre os que possuem trabalho qualificado e não qualificado, no Brasil⁴⁶. Acrescentando-se às experiências vividas uma sobreposição de segmentação do mercado de trabalho e segregação residencial. Este fato pode estar provocando um isolamento, cada vez mais difícil de se romper, devido a enorme dificuldade dos, já segregados em transformarem suas capacidades em ativos⁴⁷.

Conforme apresentado neste texto, residir em áreas periféricas traz situações e estigmas contrários a inserção no moderno mundo do mercado de transformação de capacidades em ativos – conexões. E assim vemos surgir mercados alternativos de compra e venda de serviços e mercadorias, mergulhados na informalidade, reificando lugares sociais de marginalidades nas periferias da cidade.

Em oposição a outros lugares do mundo onde, a discriminação se dá por características identitárias de cor, etnia ou religião, no Brasil percebe-se uma tradição em acrescentar às identidades populares o quesito ilegalidade⁴⁸. Neste sentido a segmentação social vem refletida no espaço e definindo lugares sociais de ilegalidade e legalidade. A cidade volta a ser dualizada e segregada, porém assumindo delineamento mais que territorial, inflando-se com diferenciações sociais históricas.

Este novo capitalismo de início de século XXI traz novas demandas para o âmbito de discussão para as políticas públicas e planejamento. Pois se a anterior caracterização da cidade dual impunha,

⁴⁶ RIBEIRO, Luiz César Queiroz, *A cidade, as classes e a política : uma nova questão urbana brasileira?*, In. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.), *CIDADE: história e desafios*, Rio de Janeiro, Ed.Fundação Getulio Vargas, 2002, p.93-97.

⁴⁷ RIBEIRO, Luiz César Queiroz, *Segregação Residencial e Segmentação social: o “efeito vizinhança” na reprodução da pobreza nas Metrôpoles Brasileiras*, XI ANPUR, p.3/4.

⁴⁸ “Enquanto na América do Norte ocorreu uma espécie de ação coordenada dos agentes imobiliários na implantação e generalização de práticas discriminatórias contra os negros, ao mesmo tempo em que o Estado promovia intervenções urbanísticas que abriram possibilidades da suburbanização da classe média branca e simultaneamente abandonava os guetos negros localizados nas áreas centrais das cidades, no Brasil a política da tolerância mencionada anteriormente permitiu amplo acesso da população pobre ao solo urbano, mas através da ilegalidade, da improvisação e do *laissez faire*, cujo resultado foi a instauração e institucionalização de dois mercados e “duas cidades”. Idem, P.7.

ainda que ideologicamente, um processo continuado de modernização como se fosse uma “onda modernizadora”, a atual configuração, determina um processo seletivo de inclusão. O resultado é a definição de múltiplas identidades que muitas vezes vem gravitando sobre lugares de marginalidade estigmatizantes. Tais caracterizações, que trazem consigo todo um passado de ilegalidade e por décadas foram vistas como sendo um espaço gerido por práticas tradicionais impedoras de uma incorporação deste segmento da população à modernidade, podem estar exercendo a vil tarefa de acorrentar indivíduos em posições de subalternidade social.

Vendar-se os olhos à modernidade experimentada pela população marginalizada significa excluí-la do presente da cidade e transformá-la em alguma quantidade de indivíduos sem historicidade. Toda inclusão possui uma história e, graças a ela, especificidades geradas coletiva e individualmente.

Referências bibliográficas

- ✓ ABREU, Martins, Mauricio A., MARTINS, Luciana L., *Paradoxos da Modernidade: O Rio de Janeiro do Período Joanino, 1808-1821*, in. FERNANDES, Edésio, VALENÇA, Márcio Moraes (org.), *Brasil Urbano*, ed. MAUAD.
- ✓ BIRMAN, Patrícia, *Fazendo estilos e criando gêneros : estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de Umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ed. Relume Dumará : EdUERJ, 1995.
- ✓ CANCLINI, Néstor Garcia, *Culturas híbridas : Estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, ed.: EDUSP.
- ✓ CANCLINI, Néstor Garcia, *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*, Rio de Janeiro, ed.: UFRJ, 1ª edição, 2005.
- ✓ CARVALHO, José Murillo de, *Os Bestializados : o Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo, ed.: Companhia das letras, 1987.
- ✓ CID, Gabriel da Silva Vidal, *As modernidades e a capoeira : conflitos entre o encanto e o desencanto*, Monografia orientada pelo professor doutor Ricardo Salles, apresentada à escola de história do Centro de Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO – em Março de 2004, como requisito para obtenção de grau de bacharel em História.
- ✓ DAMATTA, Roberto, *A casa e a rua : espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, ed. Brasiliense, 1985.
- ✓ DAMATTA, Roberto, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, ed.: Rocco, 6ª edição, 1997.
- ✓ FERNANDES, Nelson da Nóbrega, *Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949*, Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo geral da Cidade Rio de Janeiro, 2001.
- ✓ GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Livia; DRUMOND, José Augusto; *O Brasil não é para principiantes : Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois*, Rio de Janeiro, ed.: FGV, 2ª edição, 2001.
- ✓ KOWARICK, Lúcio, *Capitalismo e marginalidade na América Latina*, ed.: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 4ª edição, 1985
- ✓ MEIRA, Selena de Mattos, *Jogo do bicho : A resistência pela transgressão*, Rio de Janeiro – UERJ, 2000, Dissertação : Mestrado em História: UERJ.

- ✓ RIBEIRO, Luiz César Queiroz, *A cidade, as classes e a política : uma nova questão urbana brasileira?*, In. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.), *CIDADE: história e desafios*, Rio de Janeiro, Ed.: EdFGV, 2002, p.93-97.
- ✓ RIBEIRO, Luiz César Queiroz, *Segregação Residencial e Segmentação social: o “efeito vizinhança” na reprodução da pobreza nas Metrôpoles Brasileiras*, XI ANPUR.
- ✓ ROLNICK, Raquel, *Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro)*, Estudos Afro-Asiáticos, n.º 17, 1989.
- ✓ SEN, Amartya, *A desigualdade Reexaminada*, Rio de Janeiro, ed.: Record, 2001.
- ✓ SENNETT, Richard, *O declínio do homem público :as tiranias da intimidade*, São Paulo : Companhia das Letras, 1999.
- ✓ SEVCENKO, Nicolau (org.), *História da vida privada no Brasil*, São Paulo, ed.: Companhia das Letras, v.3.
- ✓ SEVCENKO, Nicolau, *Literatura como missão : tensões sociais e criação cultural na primeira República*, Rio de Janeiro, ed.: Brasiliense, 4ª edição, 1995.
- ✓ SODRÉ, Muniz, *O terreiro e a cidade : a forma social negro-brasileira*, Rio de Janeiro, ed.: Imago, 2002.
- ✓ SODRÉ, Muniz, *Samba o dono do corpo*, ed.: Mauad, Rio de Janeiro, 2ª edição, 1998.
- ✓ SOUZA, Jessé, *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*, Brasília, ed.: Universidade de Brasília, 2000
- ✓ VARGUES, Guilherme Ferreira, *A união faz a força: Escolas de samba, cidadania e cultura no Rio de Janeiro (1903/1937)*, 2005, Dissertação Mestrado em Sociologia: IUPERJ.

